

CORPOS EM TRANSITO: CORPOS TRANSVESTIGENERES E O ESPAÇO PÚBLICO

Agrippina Cândido Viegas Pequeno¹

Me chamo Agrippina, tenho 20 anos e sou travesti. Se faz necessário nesse momento que eu me afirme enquanto os dois. É por estas afirmações que eu exemplifico minhas questões. Quando me afirmo enquanto Agrippina, estou subvertendo a política que condiciona a aceitar o nome do meu registro geral enquanto minha identificação. Serei publicada com o nome que escolhi e que, apesar de não legitimado, é o meu nome. Quando me afirmo travesti, desconstruo a imagem que foi concebida para mim ao me afirmar. A imagem negativa que cerca a palavra é perversa e manipuladora, ao falar que eu sou travesti espera-se de mim que me submeta a um estereótipo que é conectado automaticamente com a prática da prostituição, mas o que não se percebe é que este estereótipo é na verdade uma das condicionantes limitadoras que impedem que as travestis consigam sair da situação de marginalização social assim como da prostituição em si. Se espera muito pouco de nós, e nos é oferecido muito pouco mas para a percepção heterocisnormativa a consequência aqui parece preceder a causa .

Eu decidi que ia fazer um trabalho com um aspecto panorâmico, que pudesse brevemente identificar situações em ambientes específicos que ilustram o problema de acesso que eu, enquanto travesti encontro nos espaços. Procurarei ao máximo limitar o uso de ferramentas teóricas ou referências eurocentradas para falar. Gostaria de tentar aqui ao máximo fugir da experiência acadêmica tal qual estou acostumada. Pois, como espero vir a demonstrar, o condicionamento que se dá pela minha inserção enquanto privilegiada nesses espaços serve também para perpetuar uma exclusão elitista. Quero procurar amparo para minhas palavras na voz das travestis que estão dentro da academia mas também nas que estão fora (o que é ainda infelizmente maioria) . Eu quero cantar Linn da Quebrada, quero ler Amara moira, quero ver Lorenza Bottner. E mais importante quero fazer vocês ouvirem

A universidade

Em 1971 Linda Nochlin escreve seu ensaio *Porque não houveram grandes mulheres artistas?* e este ano eu escrevi um artigo intitulado *Porque não houve grandes artistas travestis?* para repensar a questão colocada por Nochlin. Quando ela fala de grandes mulheres artistas certamente não estaria falando de mim. Apesar de que sou artista e sou mulher.

¹ Graduanda em História da Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Como posso eu enquanto pesquisadora ignorar o fato de que sequer sou vista como uma mulher quando se trata de estudos de gênero? Minha presença não conta? Se Nochlin expõe de maneira clara o privilégio que é ter nascido homem, branco, e de preferência de classe média, é preciso hoje expor o privilégio que se tem ao se nascer cis². Privilégio, pois, se coloca de tal forma que cria dispositivos para garantir sua posição como condição normativa. Foram pessoas cisgêneras que criaram o termo trans para patologizar uma condição identitária que desvia da que era adotada pelo poder hegemônico mas foi preciso que as pessoas trans criassem o termo cis para evidenciar que não se tratava de uma configuração de condição natural vs. condição desviante mas sim de um cenário de dominação que exclui as pessoas trans de se representarem e de terem voz. Não é por acaso que o termo cis só é criado 60 anos após o termo trans ser inventado.

Poder ignorar tais questões e se abstrair em questões teórico-conceituais é, e sempre foi, um privilégio cis, que tiveram seus corpos e subjetividades legitimados nos espaços. Pois para quem tem seu corpo expulso e sua identidade negada pelo sistema³, as questões teóricas da história da arte como é meu caso parecem não se adequar a realidade. A verdade é que eu posso sim pesquisar qualquer tema que a universidade me proponha, eu assim como vocês sou pesquisadora. Inclusive para a surpresa da cisgeneridade nós travestis de fato pensamos. Mas me recuso deixar que se perpetuem políticas transfóbicas dentro da academia. Não é possível tolerar um cenário que me obriga a colocar minha identidade em forma de nota de rodapé, explicando um conceito que parece misterioso ou específico para pessoas trans.

Digo isso pois, como Amara Moira explicita há uma desigualdade de nomenclatura que acredito ser familiar para todas as pessoas trans, que é justamente a compulsão em nos denominar trans. Ela explica que trans foi um conceito criado pela comunidade médica para designar aqueles que tinham uma doença (é recorrente ver a patologização das identidades desviantes) que as fazia não se identificar com o gênero que lhes foi designado no nascimento. No entanto, este cenário faz sentido somente se acreditarmos na supremacia do genital para a designação de identidades que uma forma de dominância sexopolítica onde o capitalismo biopolítico cria discursos e ferramentas de controle da vida e dos corpos.

Oras, usam a palavra "trans" a rodo, a mesma gente que se recusa a empregar "cis", e usam porque acreditam que ela diz algo, ainda que não saibam exatamente o quê. Usam porque acreditam que existimos e acreditam que existimos porque já não são capazes de não nos ver, de não nos reconhecer na multidão.⁴

Como então suportar estar num espaço que não foi feita pra você? Pois todos os espaços e instituições foram criados dentro desta lógica heterocisnormativa logo aderem a suas práticas. Como

² Cis é a abreviação do termo cisgênero, termo criado para designar as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no momento do nascimento.

³ Termo usado nas discussões transfeministas como forma de trocadilho com a palavra sistema incluindo o termo cis, é usado frequentemente para demonstrar as relações de poder estabelecidas por pessoas cis ao contrario da situação de invisibilização sofrida por pessoas trans.

⁴ Amara Moira, O cis pelo Trans, 2017

suportar ouvir dia após dia um nome que não é o seu sendo constantemente usado e sendo obrigada pelo Estado a responder a ele? Pois, mais que a questão da identificação com o nome, a documentação para pessoas trans. traz uma série de complicações burocráticas que são baseadas em políticas sexistas de gênero. Pensemos no seguinte caso, eu quando aprovada para a UFRJ fui obrigada a entregar meu certificado de reservista (documento que comprova que me alistei no exército) pois o Estado me reconhece como homem, ainda que eu não o seja, como então lidar com este cenário? Pode a Universidade nesta configuração ser considerada um espaço inclusivo? A cisgeneridade teima em insistir de que se fala muito em estudos de gênero mas continua a me tratar no masculino.

Há ainda que lidar com o fato de que cisgeneridade fica perplexa quando descobre que eu posso falar. É preciso que as pessoas trans estejam sempre provando que são dignas da atenção que lhes é dada, pois somos condicionadas a provar nosso valor para só assim termos uma chance de termos nossa produção reconhecida. Por isso, somos empurradas na academia a falar daquilo que “falamos de melhor” : gênero. Não podemos pensar em outra coisa. Pois este rótulo que nos é colado ao renegarmos o futuro que o genital decreta para nós compele nossa produção ao nicho específico daquilo que abrange apenas um aspecto de nossa subjetividade.

Há pessoas trans fazendo teoria mundo afora, apesar de aqui no Brasil, por todos condicionantes sociais excludentes que conhecemos, estas presenças ainda serem muito pontuais e com pouco poder de decisão: ainda assim, onde estão elas nos referenciais bibliográficos mesmo quando se abordam questões trans?⁵*

O banheiro

Quando fui para o Encontro de História da arte da Unicamp, senti um frio na barriga que frequentemente sinto. Quando cheguei na rodoviária de Campinas precisava ir no banheiro e o medo tomou conta de mim. Esse é o impacto que a constituição fiscalizadora do banheiro impõe, ela impõe uma confirmação estética da identidade. Frequentemente há seguranças que impedem pessoas trans de entrarem em banheiros por questão da passabilidade⁶ que aparece sempre de maneira obrigatória. Para entrar no banheiro feminino não basta ser mulher, é preciso parecer mulher.

Isto porque os estereótipos de gênero que funcionam como mecanismos de controle para o corpo de mulheres cisgêneras operam também no corpo das mulheres trans. Quando falam para uma pessoa trans que ela não se assemelha ao gênero que ela identifica estão supondo que existe um modelo ao qual ela deveria se assemelhar e frequentemente não percebem que este modelo é ficcional. Modelos como este foram criados

⁵ Jota Mombaça, Pode um cu submisso falar? 2015

⁶ Passabilidade é o conceito de que uma pessoa trans pode se passar por uma pessoa cis, e muitas vezes isto é usado de forma opressora como se ser confundida com uma pessoa cis fosse um objetivo ou um dever das pessoas trans.

para perpetuar o privilégio heterocis ao recorrer ao discurso do natural ou do biológico como fatores determinantes da estruturação da subjetividade

Citando novamente Amara Moira, ela coloca em um outro artigo que há um desejo por parte das pessoas cis em descobrir o que há no meio de nossas pernas. Elas se sentem no direito que querer nos desmascarar como se estivéssemos de algum modo as enganando. Ela diz:

Existe um genital que ninguém vê, que ninguém tem acesso a esse genital. A não ser que você vá transar com a pessoa, mas a gente acha que vê . E esse genital tem o poder de decretar o futuro para esse corpo. E aí dessa pessoa se ela se desviar desse futuro. Vivemos numa cultura que presume os genitais e queremos que os corpos se adequem a esse genital que a gente não vê, mas que a gente acha que sabe qual é. ⁷

Isto é sintomático de uma configuração social onde o órgão sexual (ou como coloca Preciado, o órgão que foi escolhido para ser identificado como o órgão sexual) é o fator de diferenciação entre homens e mulheres onde as pessoas com pênis são identificadas como masculinas e pessoas com vaginas são identificadas como femininas. É isto está enraizado de tal maneira na cultura da sociedade ocidental que existe, como Amara bem colocou, um compulsão em querer descobrir que órgão genital as pessoas trans possuem pois segundo a estética da normatividade, nossos corpos apresentam uma ambiguidade de gênero que só pode ser solucionada ao enfrentarmos o parecer do pênis ou da vagina.

A cartunista Laerte Coutinho demonstra isso muito bem em uma série de quadrinhos que ela desenvolve enquanto passava por seu período de transição. Laerte explicita que pessoas trans precisam exibir uma carteirinha de validão genital para entrarem nos banheiros enquanto pessoas cis não, pois a sociedade consegue deduzir qual seria seu genital enquanto o nosso permanece um mistério .

(Laerte)

A rua

Andar na rua é estar exposta. Exposta ao olhar do outro, vulnerável. Noventa por cento das mulheres trans e travestis estão em situação de rua. Andar na rua para elas é batalhar. Para mim significa girar uma roleta russa. Elas nos olham, vocês me olham. Me encaram até formarem uma decisão nas suas cabeças sobre o que eu sou. Tem barba, é homem. Tem peito é mulher. E eu que tenho os dois?

Outro tipo de assédio vivido pelas pessoas trans é a metralhadora de olhares que vive toda pessoa trans, você entra num espaço e um monte de pescoços vão virando, procurando você o tempo inteiro. As vezes não são olhares de hostilidade, olhares agressivos. As vezes são olhares curiosos apenas, olhares que querem entender o que você é. Mas nesse desejo de

⁷ Amara Moira, O mundo nas palavras trans, 2017

entender o que você é, esses olhares estão dizendo que você é estranho que você é esquisito, que você não faz sentido. E que eles tem o direito de te olhar até entender o que você é ou deixa de ser. E é nosso dever, nos deixar sermos olhadas.⁸

É nosso dever enquanto pessoas trans sermos pacientes, estarmos dispostas a sermos olhadas e explicar calmamente nossa identidade para o outro. Ser trans é ter o dever de sempre ser professora do outra e saber lida com a ignorância alheia. Afinal, quem mandou ser travesti? Somos vítimas de ter nascido num sistema que nos considera anormais, que nos marginaliza e temos que dar um jeito de lidar com isso. Somos obrigadas a sermos fortes, somos obrigadas a ter coragem. Para mim, conseguir me inserir em um meio acadêmico é de certa forma um alívio, primeiro por ter meu trabalho reconhecido, segundo por saber que talvez exista um futuro para mim que não seja o subemprego, que não seja o não-lugar, que não seja ser morta aos meus 35 anos.

Eu acredito que todas as pessoas trans desenvolvem para si estratégias para lidar com as adversidades pois são obrigadas pela configuração do sistema a estarem a todo momento cientes da sua posição e das barreiras que ela coloca (ou melhor que o sistema coloca).A sociedade não deixa travesti esquecer que ela é travesti. Gostaria de citar agora o exemplo de uma artista que organizou em 2015 uma manifestação na cidade de Belém, Pará que é chave para entender como as pessoas trans conseguem subverter as expectativas do preconceito em formas de potência e reverberação.

A artista em questão adota o nome artístico de Leona,Assassina Vingativa e o seu trabalho se intitula Frescah no Cirio que se trata de uma intervenção que ela faz em um evento muito conhecido da cidade de Belém, o círio de Nazaré. Leona aluga um veículo semelhante aos usados durante a posição com autofalantes e coloca em cima do carro uma travesti vestida de forma alusiva a Nossa Senhora de Nazaré e desfila por algumas ruas. A ação se desdobra depois em imagens usadas na criação de um clipe com uma música criada por Leona onde ela também exhibe cenas de manifestações religiosas evangélicas e preconceito contra homossexuais.

Ao realizar essa ação, o caráter cômico que ela produz por vezes ofusca a potencia da mesma, acredito ser de extrema importância observar que esse trabalho dialoga com questões pertinentes as discussões que tentei trazer ao longo do texto, o caráter de normatividade, a dimensão do público. Acho importante ressaltar também que Leona não tem formação acadêmica superior (que é o lugar onde as discussões de gêneros frequentemente encontram espaço) mas demonstra em seu amago como consegue dialogar com sua vivencia.

Para encerrar gostaria de deixar um trecho da música A Lenda de Linn da quebrada:

⁸ Amara Moira, O mundo nas Palavras trans. 2017

*Ela sabe que pra ter sucesso não basta apenas estudar, estudar, estudar sem parar.
Tão esperta essa bichona, não basta apenas estudar. De boba só tem a cara.*

Referências Bibliográficas

CROSS, Katherine. I Am Whoever You Say I Am. Disponível em: <http://quinnae.wordpress.com/2010/10/01/i-am-whomever-you-say-i-am/> , 2010a.

MOMBAÇA, Jota. Pode um cu submisso falar?. Medium, 2015. Disponível em <<https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>>Acessado em 19/09/2017.

MOREIRA, Amara. Travesti ou mulher trans: tem diferença? Mídia Ninja, 2017. Disponível em <<http://midianinja.org/amaramoira/travesti-ou-mulher-trans-tem-diferenca> > Acessado em 20/08/2017.

_____O mundo nas palavras trans. TEDXVolta Redonda, 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WYBkm-9P93E>>

_____O cis pelo Trans. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, 2017.

NOCHLIN, Linda. Porque não houveram grandes mulheres artistas? São Paulo; Publication Studio São Paulo, 2016. Tradução Juliana Vacaro.

PRECIADO, Paul Beatriz. Manifesto Contrassexual- práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo, N-1 edições 2015.